

PIRO CLAS TOS

Do grego piro + klastós, -é, -ón.
Fragmentos de fogo expelidos durante
a erupção e que solidificam.

QUATRO POEMAS

— MICHELE SANTOS

Poesia nunca servil para nada¹

[1] Versos de seu primeiro livro *Toda via* - uma publicação independente que percorre diversos saraus da periferia de São Paulo desde 2015.

O SANGUE TEM SOM VERMELHO

Entrepernas as penas que nunca tiveram
das bruxas queimadas em público
Não. Pedi foi cruz não, seu moço,
perdi foi muito. Nem teve ganhado
pr'além da garantia de troca entre
minhas aparecências e o
ângulo das minhas pernas abertas
sem a essência píscea

da boceta limpa
dos ardis químicos
a limpeza higiênica dos teus fármacos
é o higienismo bárbaro da classe - idade - média

não quero o mínimo senão o máximo

Entrementes, mente a história
Construída sobre o registro das glórias
bélicas, das guerras fálicas, dos falos tétricos,
dos obstétricos mistérios bíblicos
do nascimento do mundo. Imunda, tua boca
morde minha liberdade mas não mastiga minha fúria
que inunda úmida a garganta seca num grito rouco
estrondo lírico pros teus ouvidos moucos
estado... líquido pro teu peito sólido
onde só cabe o código dos arbítrios mortos
e matam as fêmeas que abortam os fetos
no calabouço do quarto dos fundos
no calaboca do médico público
enquanto o sangue cai do útero
a litros

Entretanto, me tonteio trôpega entre tantos outros
Que só enxergam espelho e não veem as mortas
Mulheres rotas muitas todas escondidas por entre
As rotas das quebradas tortas da cidade mostra
Que engole os ventres e esconde os vermes que
Espancam as donas das casas as donas das ruas

as mães de família, roxas, não comem a margarina
da propaganda do intervalo da novela
– sobre o pão que o diabo amassou
Espalham estatística

Entretanto, uma voz que declama e reclama
E clama contra o retrocesso do processo da vida
Há tanta câmara, há pouca cama, haja cana pr'aguentar
Os dias de lama, não sou a dama quiçá a ama
Seilá a puta a louca a desvalida boca que vomita
essa comida vencida que me alimenta o cotidiano
e os olhos chibatas dos juízes morais das ruas
essa voz essa voz essa voz [escuta -
quando essa voz se gastar até o estouro das cordas
saberei muda que não vivi em vão

Entrepernas
Entrementes
Entretanto
Entretodas
O mesmo passo:
Contra os nós –
derrubamos muros
construímos laços

uníssonas.

NOBILÍSSIMO

Se a wislawa nascesse no brasil

Se a wislawa tecesse poema no brasil

Se a wislawa tecendo poema no brasil não fosse bonita

Se a wislawa parindo poema no brasil não morasse no centro

Se a wislawa criando poema no brasil não fosse bem-relacionada

Se a wislawa forjando poema no brasil não fosse amiga do cara da editora que

[vende pra saraiva

Se a wislawa escrevendo poema no brasil existisse ela não existiria sendo

[wislawa szymborszka

Talvez bordadeira

Poeta, ainda.

MMXVI

Oh, sabe quê?

Devíamos
era levantar cedo, recolher os copos
Estancar os tragos, remendar as trincas

Devíamos começar a correr, fazer ioga
estabilizar o triglicérides –

Devíamos
nos descobrir,
praticar o tantra,
Fazer juntos a janta
Com os orgânicos da varanda
plantados a quatro-mãos,
um coração
à esquerda dos narcisos brancos
no fundo da casa de quintal
e viver assim zen
e saber viver sem

açúcar, ansiolíticos, ressacas, brigas, gordura trans, lactose, nicotina,
boletos de consumo, holerites, tevê, sódio, ódio, símiles, ismos,
rebites, arroubos, dramas, fobias, seriados em pacote, pânicos –
insumos do cão por que a gente vende a alma pra justiça a terra que pisa?

o ar – é de graça, ainda?

[Essa querência pra pássaro é que me anda aziando.

Oh. Sabe quê?
Devíamos era juntar a gente tudo
Dinamitar a porra toda
- do lado de lá.

REQUIÉM

às manhãs do outono último. e algumas noites

estive concisa esses dias (meses? anos?)

estive luz de lâmpada

[halógena

pr'evitar o calor dos ânimos. não me salvou

do frio dum cano na cara

tampouco da cara na

lama. estive fio. estive lâmina.

estive choro, ex-tive chuva.

estou dopada.

estive estaca, estive estanque, estive estiva quando o mar morria.

[trabalhei com pescaria

no deserto até a

estreia aos olhos dum pacífico revoltoso

estourando as rochas do litoral quando

cê me cerzia de volta os estragos

como a velh'avó cozia os retalhos de fuxico

pras colchas das tias de minha infância

estive estranha. estou entranha. restou ex-punk minha alma Espanca.

entrou o silêncio berrando à precisão doutras vias –

estribo pra contenção das falhas

estrobo latejando os olhos-fardo

na esquina do peito é que os erros me acertam

não há esquiva pra mira fina:

o que me greta é o meu garbo.

[donde tecer a escrita . terço,

no mais, estar o que sou – isto:

balé bêbado; seguir a dançar só – doidivana – dois pés esquerdos

[go go gO

as minas terrestres delicadamente pousadas por estratégicas

mãos humanas no solo cotidiano das iras

estão cobertas de folhagem, estrume

e razão

na seção dos comentários

[sempre preferi passar ao largo que passar por cima.

estatelo em stand etéreo. estéril, dez mg/dia, dê
que o mundo estorva a impaciência dos ansiosos crônicos
eles viram-se em diagnosticados mansos
estruque de parede murcha, esdrúxula, estúpida
[dócil.

[boa pra montaria e carga. cavala, jumenta, jagunça
[cidadã

só esviscerado o estômago externa o que nos humaniza:
víscera. biliar,
[ego

quando era aquele onze de março a morte chegando pertinha pensei num
[átimo que ser a porra
duma poeta morta num canto esquecido da zona última da província talvez me
[traria mais likes e
algum sucesso póstumo –
o caso é que tenho preguiça de morrer.

MICHELE SANTOS – Michele Santos nasceu de inverno na metrópole paulistana e vive a buscar primaveras nos entremeios do cinza. É educadora nas redes públicas municipal e estadual de ensino de São Paulo e co-organizadora do *Sarau Sobrenome Liberdade*, na região do Grajaú/SP. Já foi publicada nas antologias *Antes de ser um manifesto* (publicação independente), *Poesia na Faixa* (Edições Tietê), *180 gramas* (publicação independente ganhadora do PROAC), nas revistas *Transvista*, *Gente de Palavra* e *Raimundo*.